

---

## **A IMAGINAÇÃO: QUESTÕES PRELIMINARES**

---

Maria Helena de Oliveira Brito

*Resumo: este texto busca encontrar no pensamento filosófico algumas explicações para o tema 'imaginação'. O estudo apresenta uma seqüência lógica, na qual se identificam as diferentes correntes do sistema filosófico e suas respectivas idéias para a formação da teoria do conhecimento. Recorreu-se ao auxílio de Marilena Chauí, Sartre, Bachelard, Castoriadis e Backzo para esclarecer algumas questões básicas que são levantadas e discutidas, entre elas a ambigüidade da imaginação, a imaginação reprodutora e criadora, a relação imaginação/imagem/imaginário e as múltiplas funções do imaginário na vida social e política.*

*Palavras-chave: imaginação reprodutora, imaginação criadora, imagem, imaginário*

*Somos nós que imaginamos que um mundo melhor possa ocorrer, ou que um mundo pior possa vir acontecer. Somos nós que imaginamos que o reino da liberdade, da igualdade e da fraternidade virá pela nossa ação. Nós é que imaginamos que isso possa, pela nossa ação, acontecer, vir-a-ser. (Sartre)*

**A** história, hoje, busca a contribuição de outros domínios de saber, assim como contribui no desenvolvimento de outras disciplinas. O diálogo entre a história e as ciências sociais se expande e apresenta a tendência de privilegiar as relações entre a história e a filosofia; a história e a antropologia; a história e a sociologia; a história e a literatura.

O que significa tudo isso, senão que as ciências sociais estão, felizmente, mais abertas do que nunca, mais questionadoras do que nunca, dando menos descanso ao espírito do que nunca? Para os cientistas sociais que não podem ficar indiferentes ao seu imenso trabalho, o que significa tudo isso senão um chamado à renovação do pensamento humano?

A filosofia se aproxima definitivamente da história, rompendo radicalmente com a metafísica. O pensamento filosófico se relaciona com a realidade histórica, influenciando e sendo influenciado pela mesma.

A concepção histórico-filosófica vislumbra os caminhos para compreender o que foi e o que é a história humana, por meio dos estudos da imaginação. Há imaginação em todo o trabalho teórico científico e em todo o campo da experiência humana. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente, porque a crise histórica que se alastra na contemporaneidade está ligada intrinsecamente ao caráter caótico da história da humanidade (HOBSBAWN, 1995).

Os estudos filosóficos da imaginação auxiliam na atividade reflexiva, em sintonia com o próprio tempo. É na interrogação reflexiva de um esforço crítico que se recria e se reinventa o passado. A verdadeira interrogação reflexiva é uma aventura criadora em que existe o movimento contínuo de negação e de afirmação de novas verdades.

O tema em estudo não se esgota aqui, abrindo possibilidades para prosseguir em busca do novo pensar com imaginação criadora.

## O COTIDIANO E A IMAGINAÇÃO<sup>1</sup>

Com freqüência, ouvimos frases como: “Que falta de imaginação!” ou “Por favor, use a sua imaginação!”. A imaginação é tomada como algo positivo, cuja falta ou ausência é criticada. Imaginar, aqui, aparece como uma capacidade mais alargada de pensar, de encontrar soluções inteligentes para algum problema, de adivinhar o sentido de alguma coisa que não está muito evidente. Ela aparece, também, como algo que se tem e que se pode ou não usar.

Já nas frases “Cuidado! Ela tem muita imaginação!”, “Que nada! Você andou imaginando tudo isso!” ou “Não comece a imaginar coisas!”, a imaginação é tomada como risco de irrealidade, invencionice, mentira, exagero, excesso. Agora, imaginar é inventar ou exagerar, perder de vista a realidade, assumindo, portanto, um sentido bastante diverso do anterior.

Na frase “Imagine se tivesse sido assim!”, ou em outra como “Imagine o que ele vai dizer!”, a imaginação é tomada como uma espécie de previsão

ou de alerta sobre o que poderá ou poderia acontecer como consequência de outros acontecimentos. Apesar de diferentes, essas frases possuem alguns elementos comuns. Em todas elas

- positiva ou negativamente, a imaginação esta referindo-se ao inexistente;
- a imaginação aparece como algo que possui graus, isto é, pode haver falta ou excesso;
- a imaginação apresenta-se como capacidade para elaborar mentalmente alguma coisa possível, algo que não existiu mas poderia ter existido, ou que não existe mas poderá vir a existir.

A imaginação surge, assim, como algo impreciso, situada entre dois tipos de invenção: criação inteligente e inovadora de um lado; exagero, invencionice e mentira de outro. No primeiro caso, ela faz aparecer o que não existia ou mostra ser possível algo que não existe. No segundo, ela é incapaz de reproduzir o existente ou o acontecido. Com isso, as frases ditas no cotidiano apontam os dois principais sentidos da imaginação: a imaginação reprodutora e a criadora, o que equivale a distinguir duas formas de imaginação: uma em relação direta com as nossas percepções e a outra cuja essência consiste em emancipar-se do mundo sensível. A ambigüidade da função imaginativa é, assim, postulada desde já, e persistirá com a posição que os diferentes sistemas filosóficos lhe atribuirão na formação do conhecimento (BERNIS, 1987).

## A IMAGINAÇÃO NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA

A tradição filosófica sempre deu prioridade à imaginação reprodutora, considerada como um resíduo do objeto percebido que permanece retido na consciência. A imagem seria então, um rastro ou um vestígio deixado pela percepção (CHAUI, 1994).

Os empiristas<sup>2</sup>, por exemplo, falam das imagens como reflexos mentais das percepções ou das impressões, cujos traços foram gravados no cérebro. Desse ponto de vista, a imagem e a lembrança difeririam apenas porque a primeira é atual enquanto a segunda é passado. A imagem seria, portanto, a reprodução presente que se faz de coisas ou situações presentes.

Os filósofos intelectualistas<sup>3</sup> também consideravam a imaginação uma forma enfraquecida de percepção e, por considerarem a percepção a principal causa de erros e de deformações da realidade, também, julgavam-na fonte de enganos e de reprodução de imagens e de coisas percebidas. A imaginação seria, pois, diretamente reprodutora da percepção, no campo do conhecimento, e indiretamente reprodutora da percepção, no campo da fantasia.

Por isso, na tradição filosófica, costumava-se usar a palavra imaginação como sinônimo de percepção ou como aspecto da percepção “Percebem-se imagens das coisas”, dizia a tradição filosófica.

A tradição, porém, enfrenta alguns problemas que não podia resolver. Dentre eles, os seguintes:

- em nossa vida, não se confunde percepção e imagem. Assim, por exemplo, distinguimos perfeitamente a percepção direta de um bombardeio da imagem do que seria uma explosão atômica;
- em nossa vida, não se confunde perceber e imaginar. Assim, por exemplo, distinguimos um fato que vemos na rua da cena de um filme;
- em nossa vida, há diferenças entre percepção e imaginação. A suposição de que entre a percepção e a imaginação, entre o percebido e a imagem haveria apenas uma diferença de grau ou de intensidade (a imagem seria uma percepção fraca e a percepção seria a imagem forte) não se mantém, pois há uma diferença de natureza ou uma diferença de essência entre ambas.

## A FENOMENOLOGIA E A IMAGINAÇÃO

Distanciando-se da tradição, a fenomenologia sartriana fala na consciência imaginativa como uma forma de consciência diferente da percepção e da memória, tendo como ato o imaginar e como conteúdo, ou correlato, o imaginário ou o objeto-em-imagem.

Sartre, após uma rigorosa crítica à visão da tradição clássica filosófica da concepção de imagem, entende que essa produção deve ser iniciada numa mudança básica de concepção: “a imagem não é uma coisa, não é exterioridade, muito pelo contrário, ela é consciência, é ato intencional da consciência” (SARTRE *apud* ARRUDA, 1994, p. 79).

O que será alcançado pela descrição da imagem? Qual o seu conteúdo? Qual a sua essência?

A primeira característica do objeto-imagem é que ele se apresenta na sua essência como ausência, isto é, a consciência imaginária nos remete a um objeto ausente, que foi anteriormente percebido.

A segunda característica que mostra esse objeto-imagem é um fenômeno de quase observação, isto é, a consciência tem uma relação com o objeto-imagem de maneira imediata, direta, sem intermediários, sem sínteses de aparições. Os objetos produzidos pela percepção são sínteses de aparições e os objetos-imagens não são sínteses, são presenças na sua totalidade imediata, são evidências.

A terceira característica refere-se ao problema do nada. A consciência imaginante coloca o objeto como nada. E é justamente porque esse nada tem um significado tão forte que a atuação advinda dele resulta em transformação. O poder do nada é um poder de colocar significados que levam a desencadear-se a ação.

A quarta característica é a espontaneidade que norteia a consciência imaginante que produz e conserva o objeto em imagem. Ser espontâneo é ser livre, quer dizer, é não estar com nenhum condicionamento. Essa dimensão está, então, diretamente ligada ao problema da liberdade, que não é uma questão de vontade, mas de espontaneidade para agir ou não agir.

Portanto, imaginação é liberdade, “o homem é livre porque imagina”. A consciência imaginante é ato livre, criador, e não está ligada à vontade porque está vinculada ao desejo. Essa vinculação vai propiciar a comparação que Sartre faz da vida imaginária com uma vida próxima da consciência mágica que se encontra em todas as épocas históricas.

A presença do desejo na vida imaginária a caracteriza como extremamente ativa e com um poder de mobilização muito forte. Não se trata de um poder de se fazer representar; a imagem não é só representação; ela é um poder maior, porque mágico, e que se expressa pelo simbólico. É o tratamento desse poder simbólico, ou seja, a forma de expressão que a imagem tem de mobilizar, que vai interessar numa dimensão mais ampla, ao aprofundamento das questões do imaginário. Na visão sartriana, o que é relevante ressaltar é a dinâmica da vida imaginária, no seu poder de atuação. Segundo Sartre (*apud* ARRUDA, 1994, p. 81), ela é condição essencial para que o homem seja homem. “O homem sem imaginação criadora perde sua humanidade, perde sua essência, sua possibilidade de ser”.

A imaginação é o poder, é o meio pelo qual a ação se efetuará. O futuro da ação é o reino da liberdade, para Sartre, quer dizer, é no reino do poder-vir-a-ser que a liberdade se coloca como ação possível, e não no reino do imaginário que é não-ser; este não-ser é que o torna condição e possibilidade de vir-a-ser. Existe, então, toda uma questão dinâmica embutida na dimensão do imaginário, que interfere de maneira mágica nos sentimentos que desencadeiam a liberdade de ação.

## A CONCEPÇÃO BACHELARDIANA DA IMAGINAÇÃO

A concepção bachelardiana da imaginação, além de inovadora em relação à tradição da filosofia, tanto na vertente racionalista quanto na

empirista, modifica-se em pontos fundamentais, ao longo da construção do pensamento filosófico (PESSANHA, 1994).

Ao contrário daquela tradição, que sempre aborda a imaginação no contexto de uma explicação sobre a origem e os níveis do conhecimento (relação imagem/idéia, possibilidade de um pensamento sem imagem etc), Bachelard a investiga a partir de textos (imagens literais/literárias) ou de obras de arte (imagens pintadas, gravadas, esculpidas). Substitui o enfoque psicológico-gnosiológico, referente à gênese e a sucessão das etapas do conhecimento, pelo enfoque estético, segundo o qual a imagem é apreendida não como construção subjetiva sensório-intelectual, representação mental, fantasmática, mas como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem.

Todavia, o que distancia mais a posição de Bachelard da tradição filosófica secular, é a distinção que ele estabelece entre imaginação formal e imaginação material. Tal distinção prende-se à crítica, esparsa ao longo da obra de Bachelard, ao “vício de ocularidade”, característico da filosofia ocidental. O vício da ocularidade fatalmente coloca toda a questão da imaginação sob o jugo da imaginação formal, fundamentada na visão, que caminha célebre para a abstração e para o formalismo. Na verdade, esta é resultado da postura do homem como mero espectador do mundo, do mundo-teatro, do mundo-espetáculo, do mundo-panorama, exposto à contemplação ociosa e passiva. Já a imaginação material não opera a partir do distanciamento da pura visão, não é contemplativa. Ao contrário, afronta a resistência e as forças do concreto, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora. A imaginação material recupera o mundo através da intervenção ativa e modificadora do homem: do homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro, tanto na ciência quanto na arte.

Bachelard critica em Sartre a mesma tendência intelectualista, privilegiadora do visual e do formal, distanciada do material e da manualidade. Por trás das reflexões sartrianas, Bachelard (*apud* PESSANHA, 1994, p.12) faz perceber o velho vício de ocularidade: “je regarde cette feuille blanche...<sup>4</sup>. “Toda a aguda análise sartriana da imaginação parte, assim, apenas e outra vez do olhar”.

Para Pessanha, o Bachelard noturno é inovador da concepção da imaginação, explorando o devaneio, exímio mergulhador nas profundezas da arte e amante da poesia. A sua obra *O direito de sonhar* conquista a partir de sua publicação, em 1970, os fundamentos legítimos do devaneio e os motivos que tornam o sonho imprescindível à arte e à vida. Bachelard conquista o direito de sonhar e ensina as riquezas e os benefícios do devaneio.

Quanto ao Bachelard diurno, a imaginação também possui papel fundamental na criação científica, no próprio terreno consagrado ao cultivo das idéias claras, no reino dos conceitos. Foi o formulador de um novo racionalismo aberto, setorial, dinâmico e militante. O filósofo prevê o poder ilimitado da imaginação desde a década de 1930, quando escreve *O novo espírito científico* (1934) ou *A formação do espírito científico* (1938).

Em suma, José A. M. Pessanha afirma que até o final de sua vida e de sua obra, Bachelard perseguirá o duplo objeto:

- pensar com rigorosa atualidade o universo sempre em retificação da ciência;
- seguir fascinado à procura dos instantes poéticos, aqueles instantes nos quais a dramaticidade inerente a um tempo irremessivelmente esfacelado é substituída pela felicidade e pela libertação do trabalho criador.

## A EPISTEMOLOGIA DIALÉTICO-FENOMENOLÓGICA

Cornelius Castoriadis inovou os estudos filosóficos do imaginário e deu luz aos problemas políticos que envolvem as sociedades contemporâneas.

O autor analisa em profundidade os meandros da problemática histórica do conceito de imaginário, tendo legado uma valiosa contribuição à discussão da existente relação de compatibilidade entre real e imaginário.

A questão do imaginário aparece, nos estudos do autor, no contexto de uma discussão sobre o projeto de autonomia, eixo central do que ele denomina projeto revolucionário, isto é, projeto de construção de uma sociedade autônoma. A autonomia, por sua vez, tem para Castoriadis o sentido de superação das diferentes formas de alienação que são entendidas como heteronomia.

Segundo o autor, o mundo histórico, é o mundo do fazer humano, no qual se desenvolve um modo específico de fazer, que é o fazer político, por ele designado como práxis: “fazer no qual o outro ou os outros são visados como seres autônomos e considerados como agentes essenciais do desenvolvimento de sua própria autonomia” (CASTORIADIS, 1982, p. 94). A práxis realiza-se através do projeto, definido como elemento da práxis e de toda atividade. É na dinâmica da relação entre o “fazer presente” e o “fazer político” que se realiza, concomitantemente, a transformação da realidade.

O autor avança ainda na análise marxista da sociedade capitalista e reforça as idéias de que não existe uma teoria perfeita da história e de que uma racionalidade total da história é absurda. A “práxis” revolucionária não tem por obrigação produzir um esquema total e detalhado da sociedade que

visa a construir; o que se vislumbra é a possibilidade da autonomia da sociedade contemporânea e do futuro socialista.

A visão imaginária que se esboça da sociedade socialista não é aquela de total transparência, porque Cornelius Castoriadis considera não ser possível eliminar de tudo o inconsciente. No mesmo sentido, alienação não desaparecerá completamente, uma vez que ela surge instituída e pode permanecer. Existe a possibilidade de a liberdade efetivar-se sem ser necessário destruir o simbólico. Sociedade e instituição são representações da criação histórica que, se transformadas, podem conviver no coletivo social.

Bronislaw Baczko, seguindo também uma perspectiva mais política da questão da imaginação e do imaginário social, ressalta: “está em moda associar a imaginação e a política, o imaginário e o social” (BACKZO, 1985, p. 298). Essas relações encontram-se nos discursos políticos e ideológicos em relação às Ciências Humanas.

Objetivar a análise sobre a questão política é ver a “imaginação” e o “poder” unidos na exaltação, na denúncia, no *slogan* e no simbolismo; enfim, nos discursos e nas ações dos atores políticos, em cenas de campanhas eleitorais.

Nas Ciências Humanas, insistindo nos estudos, foi posta em destaque a questão do poder: “o poder em qualquer domínio do imaginário e do simbólico tem um importante lugar estratégico” (BACKZO, 1985, p. 297).

Percebe-se que nas Ciências Humanas o tema “imaginação” vem sempre acompanhado pelos termos “coletivo” e “social”. Essas ciências perceberam no tema uma função criadora e simbólica que concentrava nele a aspiração a uma vida melhor, diferente ou mesmo a esperança de outra vida, tal como na canção inspiradora de John Lennon, *Imagine*.

Baczko afirma que as múltiplas funções do imaginário na vida social foram ressaltadas pelas Ciências Humanas, que colocaram em causa a própria tradição intelectual e, no caso particular dos estudos marxistas, que puseram em evidência o seguinte princípio: “não são as idéias que fazem a história. A história verdadeira e real dos homens está para além das representações que estes têm de si próprios e para além das suas crenças, mitos e ilusões” (BACKZO, 1985, p. 297).

Baczko considera que cada vez menos o imaginário social seja apenas um ornamento de uma vida material, única e real. As Ciências Humanas tendem cada vez mais a considerar que os sistemas imaginários sociais só são irrealis quando colocados entre aspas. Por conseguinte, há uma tendência marcante de se dissociar o termo “imaginário” de significados tradicionais, tais como quimérico e ilusório. No mesmo sentido, os termos “imaginário” e “imaginação” são cada vez mais utilizados fora do domínio das belas artes.



## CONCLUSÃO

Os conhecimentos apresentados são somas que reforçam a convicção de que as ciências somente avançam graças ao poder criativo e original do pensamento, ampliado em bases sólidas e teóricas, vindas em auxílio da compreensão da realidade.

Os estudos filosóficos da imaginação abrem novas possibilidades no campo da investigação científica de questões relacionadas ao simbólico e do imaginário.

Da História à Filosofia tem-se a vertente historicizada de concepção do imaginário, que tanto o entende como capacidade criadora do homem como atividade socialmente construída. Essa postura seria também a de Jacques Le Goff, que entende o imaginário como uma forma de realidade, como um regime de representações, tradução mental não-reprodutora do real, que induz a pauta as ações.

Segundo Le Goff, tudo aquilo que o homem considera como sendo a realidade é o próprio imaginário. Nesta medida, o historiador Le Goff aproxima-se do filósofo, Castoriadis, quando este diz que a sociedade só existe no plano do simbólico porque pensamos nela e a representamos, desta ou daquela maneira (PESAVENTO, 2003, p. 44-5).

É diante de novos desafios que os estudos da Filosofia e da História se cristalizam dia-a-dia sob nossos olhos e em nosso interior para desvendar o universo de representações criadas pelos homens e mulheres ao longo da existência humana, quer nos sentidos sociopolítico ou em outros, artístico-cultural e educacional.

## Notas

<sup>1</sup> Cf. Chauí (1994, p.131).

<sup>2</sup> Dizem-se empiristas aqueles partidários do empirismo, doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência.

<sup>3</sup> Intelectualistas são aqueles filósofos adeptos das formas culturais ou dos sistemas de valores em que os elementos racionais predominam sobre aqueles baseados apenas na experiência e, por conseguinte, sem caráter científico.

<sup>4</sup> “Olho esta folha branca” (SARTRE, 1989, p. 5).

## Referências

ARRUDA, F. D. A questão do imaginário: a contribuição de Sartre. *Em aberto*, Brasília, ano 14, n.61, p.79-85, jan./mar. 1994.

BACKZO, B. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAULDI. Portugal: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985. p.297-332.

BERNIS, J. *A imaginação, do sensualismo epicurista à psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.89-137.

CHAUÍ, M. A imaginação. In: *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSANHA, J. A. M. Bachelard: as asas da Imaginação. In: BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. Tradução de José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

SARTRE, J. P. *A imaginação*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

*Abstract: this text searches to find in the philosophical thought some explanations for the subject 'imagination'. The study presents a logical sequence, in which it is identified the different chains of the philosophical system and its respective ideas for the formation of the theory of the knowledge. The aid of Marilena Chauí, Sartre, Bachelard, Castoriades and Backza was appealed to clarify some basic questions that are raised and argued, between them the ambiguity of the imagination, the reproductive and creative imagination, the relation of imagination/image/imaginary and the multiple functions of imaginary in the social and political life.*

*Key words: reproductive imagination, creative imagination, image, imaginary*

MARIA HELENA DE OLIVEIRA BRITO

Doutora em História pela Universidade Estadual de São Paulo, Assis (SP). Professora no Departamento e no Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás. *E-mail:* mariahelena@ucg.br